

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa--15 de Agosto--1929

**5** **TOES**

**4.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**169**

sempre

**fixe** *semanário humorístico*

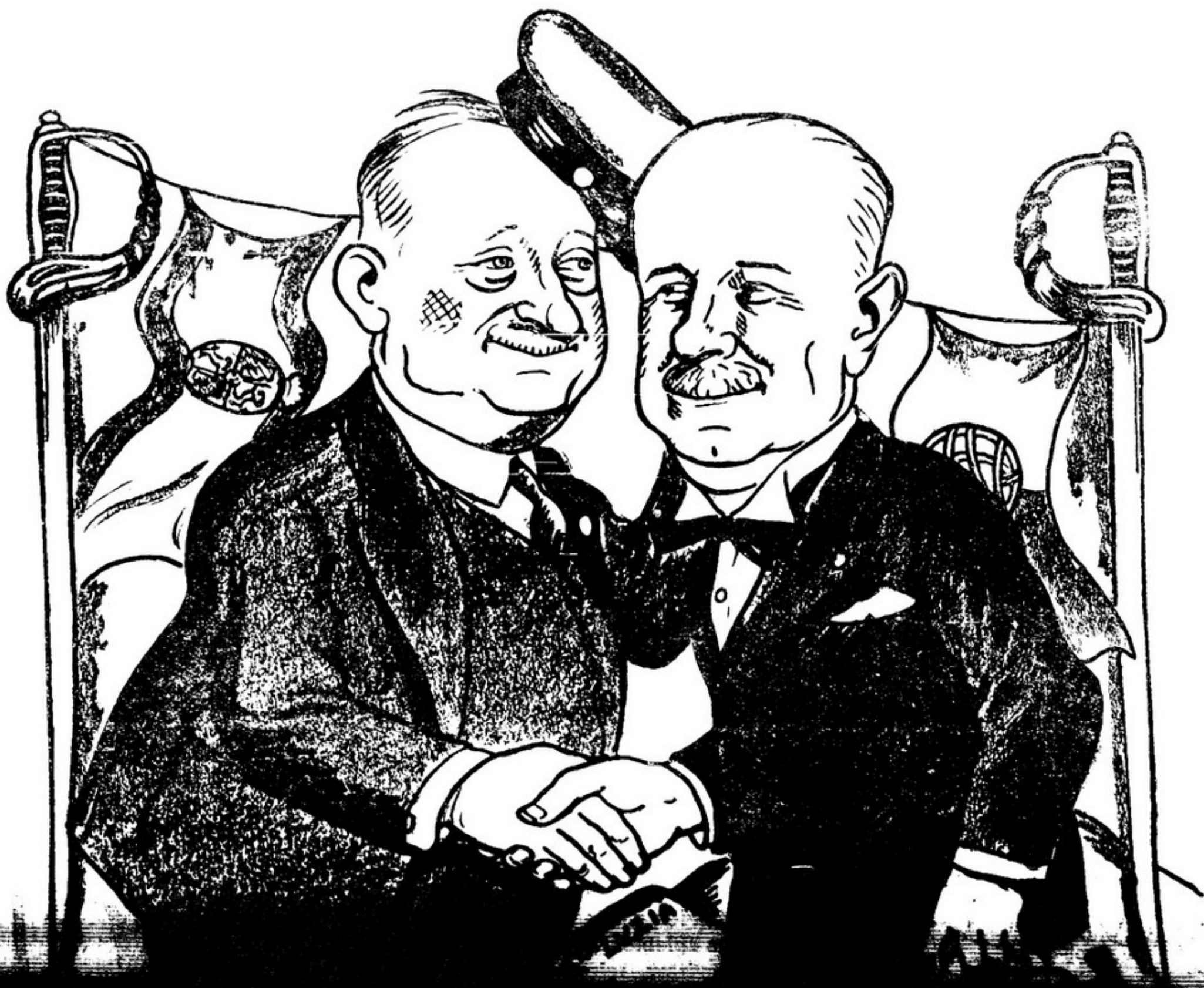


Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Os Presidentes a ares



**Em ares de boa paz, qualquer dos dois se dá ares de ter vinte anos a menos**



# Os ditos da semana



## As colunas do caes

Para que não haja enganões, para que o forasteiro saiba ao certo onde é o Caes das Colunas, collocaram-se de novo as colunas no caes.

Julgava muito gente que o Caes das Colunas, só porque estava ali a babugam do tejo, já tinha adquirido seus hábitos de pescada e antes de ser já era Caes das Colunas. Puro engano. Aquele caes, desde que o Marquez o mandou construir, logo teve as suas colunas, inteiriças, monolíticas, como se diz em linguagem difficil para espantar o burguez pouco entendido em exdraxulas, luteiriças como eram, portuguezas de lei, de antes quebrar que torcer, deitou-as abaixo um dia o temporal, só porque elas não se quizeram curvar para deixar passar a onda. E afundaram-se, perderam-se porque não sabiam ceder.

Longos anos se viu o Caes das Colunas sem colunas, tal qual como certos condes e viscondes disto e daquilo que também não tem nem isto nem aquilo, mas são condes e viscondes de si mesmo como o caes era caes.

Mas o Municipio que anda a deitar abaixo todas as saliências das ruas porque não gosta que ninguém se faça saliente para que não digam que é uma camara de bota-abaixo, lembrou-se de levantar alguma coisa e levantou as colunas do Caes das Colunas. Não as fez a Camara inteiriças como eram dantes e fez bem. Aquilo assim dá-nos trabalho ao Tejo e, quando cair no fundo, cada bocadinho daqueles, não tem pezo para esmagar mais do que um bezugo. Não ha de encaecer o peixe por causa disso.

Mas se a Camara envereda pelo caminho de levantar tudo o que anda caído, em lon-

ga taretta se meteu, tem de restaurar o Carmo, (a Trindade essa já está,) tem de repór o Arco do Cego, as portas de Santo Antão, as portas do Sol, o Poço do Borratem, o Arco de Santo André e o Arco da Velha e muitas coisas mais.

Enfim, a Camara levantou as colunas e agora vai ser interessante o despique entre ela e o Tejo. A Camara a levantar as colunas e o Tejo a deita-las abaixo.

Agora vai-se ao Terreiro do Paço ver as colunas que já lá estão. Lá para o principio do inverno, volta-se ao Terreiro

do Paço para ver as colunas que já lá não estão. Depois, em vindo a primavera torna-se ao Terreiro do Paço para ver as colunas que já estão outra vez e no inverno seguinte, vai-se ver mais uma vez a ver as colunas que já não estão. E assim por diante. Quem levará a melhor?

O Tejo tem muita força, mas a Camara deve ter mais, ainda que não seja senão porque, em lá estando no fundo umas duas centenas de colunas, as ultimas que a Camara levantar hão-de por força ficar de fora.

**Tenorio** Com grande prazer por isso que é esplendido, recebemos algumas latas de atum «Tenorio»—daquela atum que a gente tem sempre lata para comer e mais lata ainda para chorar por mais.

Agradecidos pela gentileza.

**Costa do Sol** O que aí vai por essa linha de Cascaes abaixo!...

Paris no Estoril, Deauville no Estoril, Trouville no Estoril, O Lido no Estoril, Schewingen no Estoril, Biarritz no Estoril, mas tudo correcto e aumentado, porque a moda chega sempre tarde a Portugal, mas chega sempre em ponto grande.

O que aí vai por essa linha de Cascaes abaixo!...

Aquilo não são praias de banhos. Aquilo é a exposição de Sevilha.

Aos domingos então chegam os comboios de americanos que vão de Lisboa gosar as belezas da exposição. E aquilo vê-se tudo a olho nu. Até a Giralda, que lá anda a giraldar por todos os lados.

Ha muitos estrangeiros, mas o que mete mais vista é o pavilhão portuguez. Tem outra graça, outra beleza de formas.

Pelo caminho que as coisas levam, especula-se que para o proximo ano, já seja abolido o fato de banho, que é um empecilho que não deixa lavar o corpo a vontade.

Se assim for os americanos aumentam e aumenta o successo da exposição.

O peor é que tudo se passa como na exposição de Sevilha. Não é permitido tocar nos objectos expostos, nem se podem adquirir por qualquer preço.

Tambem é o que vale. Se assim não fosse nem a Giralda lá ficava.

## Dr. Rita-Martins



Habilissimo no teatro anatomico, e uma grande esperança no teatro dramatico, com a peça «O Contagio». Professor da Escola Colonial, segue o dr. Rita a róta recta de defender, com calor, a hygiene dos paizes quentes. Os seus «Elementos de hygiene tropical» pleneamente demonstram, Nelas aponta todas as doenças, com excepção de umas aguas do Norte que não aconselha nem mesmo para os pretos lavarem a carapinha.



— Pega no martelo ás mãos ambas!...



— Multissimo. Assim que vá minha sogra ao plano começa logo a ganhar...

# THEATRO

## «RETROZ PRETO...»

O «Velho Bragas» começou a botar... meira entrevista com o Chevalier português. Três notícias mollias e esperanças duma boa época — já pelo elenco, já pelo repertório.

Comem o nosso E. B. p. 1. d. z. r.

No campo de trabalho, o feroz de que a minha companhia, desde a sua organização até hoje, deu 2027 espectáculos, representando, ao todo, 7.068 actos. No espectro das «noites», finalmente a informação de que a companhia já percorreu 10.674 quilómetros, e está dentro do país, sem contar com as temporadas do Brasil e do Rio. Com respeito a acção financeira, esse número é lido. Os ordenados pagos aos artistas, incluindo a taxa de 5% de 2.827.000\$00, não incluindo os «ganhos» que montam a 1.570 contos \$, os despesos da companhia são de 300 contos \$.

Esta é a primeira vez que se demonstra um aumento quanto ao período de férias e trabalho, não se tratando, como também a alguns tratavam até. Vê-se que a companhia a ser pelos seus trabalhos.

Estes números fazem Constituem de uma entressa esta seja a minha cana. E a vida do dia, o nosso Bragas.

Ha J. J. faz em 21 de Novembro — que dará a companhia. E para registar este facto no momento actual.

Ha, entre gente de teatro, a mania de que, quando uma peça está a dar

dinheiro, não se deve anunciar que a companhia está a dar uma outra.

Procedem eles — que é o mesmo que dizer que a que está em scena começou a afrouxar.

Puro engano. Então o público não sabe ou não compreende que, embora a peça esteja em stress, é necessário trabalhar noutra, para o dando que fazer aos artistas e para aumentar o repertório.

Compreende e sabe. O público sabe e compreende muito mais do que se julga.

E hábito pensar assim. Não de que nos admittamos a que gente de teatro de hoje não tem os antigos.

O D. E. está a trabalhar com seu pessoal para tratar de a desmas do L. S.?

Estara a trabalhar?

Ha que se chama a actriz D. C. que faz um papel de a actriz...

Impugnando porque, tal nos te p... de...

O D. E. está tentando entrar o teatro português com a actriz...

COIDA Va esboçar se pelos jornais o que vai ser a época de inverno.

Cada empresario principia a fazer as que tem melhor. Os elenco estão a refoçar se e outros estão a organizar se de novo.



Hortense Luz e Francis que, com a graça sábia do nascimento Fernandes, fizeram do «Chã de Parreira» um chá que todas as noites se toma com o melhor agrado



Dois poetas de raça — Antonio Carneiro e Silva Tavares

O E. B. que vai trabalhar no E. do G., anuncia lá que quatro vezes que a sua companhia está organizada com um conjunto superior e com um repertório constituído de vários originaes portugueses de actores com sagrada e dos últimos exiles do teatro nacional.

O E. E. que vai explorar o E. A. com uma nova organisação artística, que tem como primeiras figuras a mãe e a filha Almaralhe e que o repertório será igualmente constituído por peças de assinalado exotismo e alguns originaes portuguezes.

São dois projectos de grande importância. Deus permita que sejam cumpridos!

AMUNIASE para o inverno uma peça original dos actores E. B. e F. A. intitulada «Os moços de ouro». Que outro de moços!...

DIALOGO ouvido num café:  
— Fui agota ao teatro...  
— Viste a revista?  
— Não.  
— Então o que foste lá fazer?  
— Fui só ao palco dar os pezames...

FORMOU-SE uma nova companhia

Companhia das santas Stichinis e dos três Santos

por que o elenco da companhia é formado por três *Stichinis* e por três Santos.

ESTAVAM a dizer que o elenco seria melhor e que a para a opereta. Então, para os *Stichinis*. A companhia está a dar a sua melhor e que a melhor de todos os dias primeiras por se fazerem.

Ha este actores que não são do teatro, a trabalhar.

Basta de românticos!

Vamos com o elenco de 1929!

Quem será a *Lusy* que vai para a companhia E. S.?

De quem que é a Lusitana?

Será?

Será a moça que se disfarça para que venha de mascarar?

Tras só o *Lusy* de fora e se não o *Luca*...

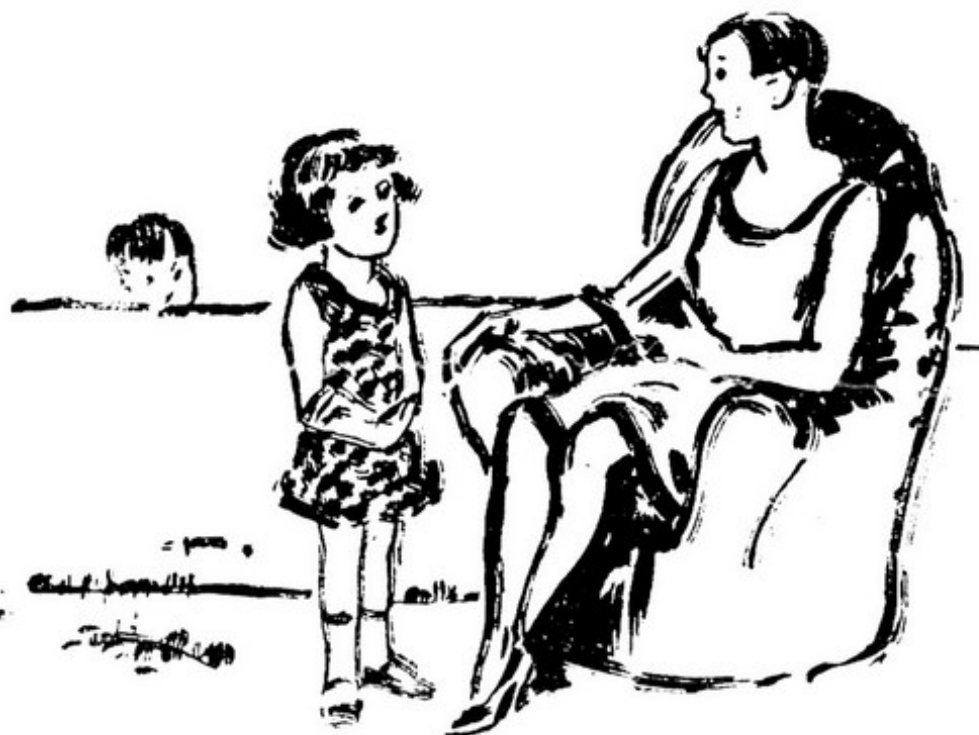
O Homem das 5 horas

Quereis dinheiro? Jogal no

Lama

Sempre sortes grandes!

Interprete (naa Stichinis) que se pode encontrar nas artistas de hoje



—Mãesinha quero casar com o filho do visinho.  
 —Porquê?  
 —Porque o pai deu-lhe agora mesmo cinco escudos...

**Elevador da Gloria**

**BOM HUMOR**

Em duas vizinhas dum hospital estavam dois homens atacados de se...

De quando em vez, os enfermeiros, por ordem do medico, superlavam os doentes de profundas massagens, com o fim de lhes atenuar as dores.

O certo é que, porque os enfermeiros, com a sua peculiar carinhosa, davam as massagens mais que vigorosamente, suadia o seguinte: um dos doentes, enquanto duravam as fricções na perna, não podia reprimir as dores, e gritava de tal forma que o hospital todo se arrepiava.

Em compansão, o outro paciente embora o sugerissem ao mesmo tratamento, sorria e fumava com tal alacridade a disposição que a outro, o das dores, não se conteve sem lhe estranhar o caso.

—Palavra que me custa a crer, como é que você consegue rir e fumar quando lhe dão as fricções... e eu, que sou mais novo e mais robusto, não resisto sem gritar?!

—Você é tolo, homem. Então acha-me assim tão parvo que lhes dê para as massagens a perna doente?! Deu mas é a outra!

\*\*\*

Uma senhora branca de neve deu à luz, certa manhã, um menino preto. E então ela, toda indignada, volta-se para o marido:

—Vês tu o que fizeste com a tua mania de apagar a luz electrica?

\*\*\*

A atenção de toda a gente recobra sobre dois homens que discutiam acaloradamente.

Um deles, um valenciano, afirmava com grande força tinha, que não havia terra como Valencia para comer bem.

O outro dizia alto e bom som que terra como a sua não havia, terminando por afirmar que ainda ao pior cosinheiro as comidas *salam bem*.

—Mas de onde é você? — interrogou o valenciano.

De Carabahal!

\*\*\*

Na aula:  
 O *professor*: — Uma bengala, um guarda-chuva e uma panela quantos objectos são?  
 O *aluno*: — Quatro.  
 O *professor*: — Como quatro?  
 O *aluno*: — E' claro! A bengala, um; o guarda-chuva, dois; a panela, três, e a tampa da panela, quatro...

\*\*\*

Na Faculdade de Letras:  
 O *professor*: — Quem sabe as vantagens que a civilização dos gregos teve sobre a nossa?

O *aluno*: — A mais importante é que eles não tiveram de aprender grego, como nós...

Boas homens acusados de se esbofetarem mutuamente. Ambos tem fumaças de grandes valentões.

O juiz interroga o primeiro:

—Sabe que é acusado de ter agredido voluntaria e corporalmente o seu colega com bofetadas. Nega o crime, não é isso?

—Confesso! Dei-lhe duas bofetadas que até fizeram eco...

—Em sua defesa? — perguntou o juiz.

—Não sou homem que me deixe bater!

Vem o segundo réu. O juiz interrogou:

—Deu ou não duas bofetadas no seu colega?

—Dei, sim, senhor!

Ao que o primeiro interrompe:  
 —E' falso, sr. juiz! Eu apanhar duas bofetadas?! Isso é uma injuria!

—Ambos querem reivindicar para si a honra de terem sido o primeiro a bater.

Pelo decorrer da audiência, chegou-se a conclusão que nem um nem outro se tinham esbofetado.

\*\*\*

—Que arveres são estas, papá?

—São pinheiros! Cortam-se, serram-se, e da madeira fazem-se móveis.

—De pinheiro?

—Algumas vezes... mas com mais frequência de noqueira.

\*\*\*

Seres e que é uma letra?

Uma letra de cambio é um documento pelo qual o credor se obriga a deixar em paz o devedor até uma data fixada.

\*\*\*

Um rapaz, a filha do penhorista, que está ao balcão:

—Hoje é a setima vez que, em oito dias, cupenho o relógio. O coração não lhe diz nada?

\*\*\*

Como se parecem estes dois irmãos!  
 —Sobretudo o mais velho...

\*\*\*

Na estação:  
 —Porque demora tanto o comboio?  
 —Porque saiu da ultima estação antes da hora e está á espera dos passageiros que veem a pé...

**Quer a sorte grande? fabillite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115**

**TAC-TAC-TAC**

**O judeu atilado**

O titulo parecerá aos leitores—inumeros segundo afirmam os *chronicones* —do *Fixe*.

E realmente chamar um conto — ou narrativa amena *O judeu atilado* parecerá com copia vasta de razão que é um pleonasmio. E seria, se não fôra o caso muito particular, dele — judeu de quem ora se trata. De maneta que fica, por agora, entendido que Samuel era o que se chama um judeu excepcionalmente esperto.

O caso foi assim, tal qual o conto.

Samuel, antiquario e prestamista, partiu desde que, mancebo, se comprehendeu a si proprio do respeitavel principio de que um homem só deve lavar os dentes *uma vez por ano* — pela Páscoa. — E explicou:

— Uma vez por ano, sim, pela Páscoa, porque é só pela Páscoa que um cristo de caracter como carne com osso — que é o cordeiro pascal. Das outras vezes come carne sem osso, porque a come em casa dos amigos que não são judeus.

E estava certo. O que seria mais difficil de explicar era o facto de Samuel tambem lavar muito poucas vezes os pés...

Eu sei que você, agora, diz-me, com certos visos de logico: porque os extremos se tocam.

Mas eu, afeito ao cuidadoso estudo psicologico das multidões, dir-lhes-hei: — Não! não era por isso. Porque, num *judeu*, os extremos não se tocam, visto que um bom judeu não se embobeda, e que so quem se embobeda é que anda assim ás cabriolas, podendo de tal geito meter os pes pelas mãos e tocar os pés com a cabeça.

Samuel não lavava amudadas vezes os pes por espirito de justificada economia. Assim poupava agua (o que em Lisboa é congelavel), poupava sabão (caro e além disso muito apreciavel pela *espuma*, que é materia segura para os triumphos literarios) e poupava a pele dos proprios pes, respeitando os ditames de Jehovah, que manda que, com solicitude, guardemos cautelosos o

que Ele, com prodiga bondade, nos confia para uso proprio e sua gloria.

Daí, precisamente, dessa obediencia mais que ortodoxa aos mandatos da Lei, nasceu a maior graça deste caso, que ha já bem bom pedaço quero, em vão, contar, mercê da necessidade em que, triste, me vejo de *explicar-lhes* o ambiente, como diria um dos meus lidimos colegas do já falecido e saudoso *Orpheu*.

Em tarde de Junho amena e perfumada, Samuel entrou em casa, bem mais cedo (oh, sim! bem mais cedo...) do que costumava.

E que viu Samuel, pasto do espanto, sentindo como a modos de borbulha insolita uma certa impressão na fronte lisa?...

Samuel viu que sua esposa, a formosa Ester de olhos negros, tinha a seus pes, ajoelhado e implorativo, um visinho da casa, que ele, Samuel, apenas de pouca vista conhecia.

Samuel olhava, atonito, impavido e atrasso.

Logo, porém, Ester lhe disse, amavel:

—Boas tardes, meu amiguinho! Então voltas assim tão cedo. Ainda bem, porque exactamente agora o meu pedicuro acabava de tratar-me os pés.

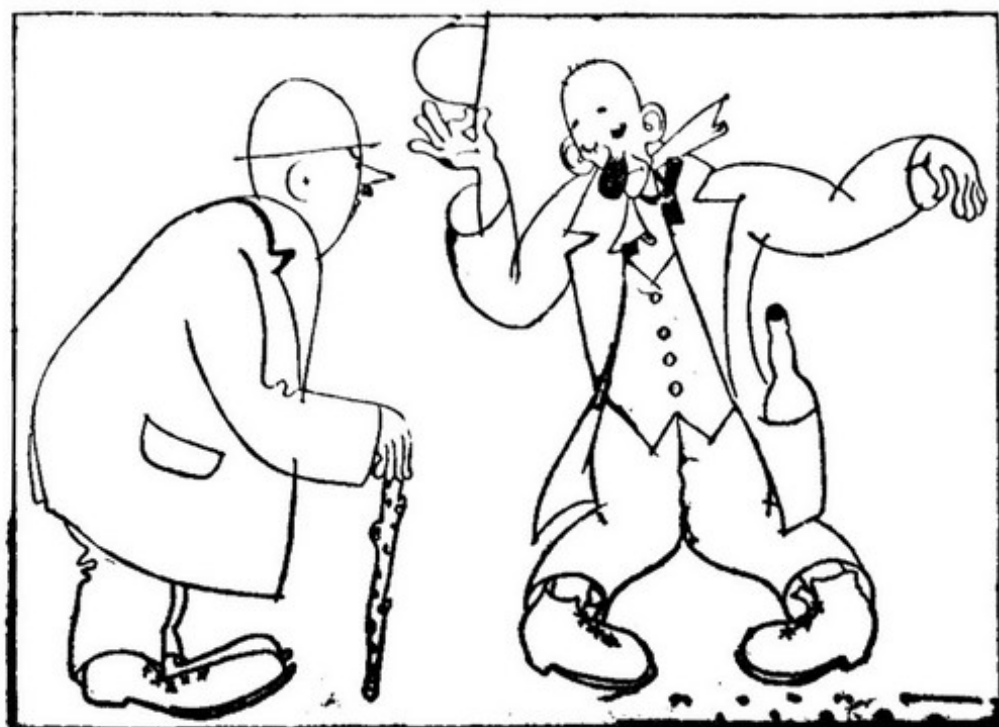
— Ah! — volvou Samuel — isso é de três em pipa, porque ha já algumas horas que soffro imenso dos pés. Parece que tenho algumas unhas encravadas.

E, dizendo isto, arremete aos sapatos, tira-os, tira as meias e espeta os presuntos junto da cara do galante cortejador, armado, tão á pressa, em calista.

O desgraçado la teve de manusear, durante uma longa hora, as extremidades bem duvidosamente perfumadas de Samuel.

— Quando me lembro — dizla este muito ufano da partida que pregara — que havia já oito dias que eu tomara o meu ultimo lava-pés annual...

**Cirano de Velhofrac.**



—U que tens no nariz, Malaguinhas?  
 —Ando a experimentar uma nova variante do processo Asucro!  
 —De S. Sebastian?  
 —Não, do Cartaxol

## ANEDOCTAS

## Velhas e novas

Um francês chegado recentemente a Portugal entrou numa casa de venda de frutos e, apontando para um cesto com castanhas, perguntou ao empregado:

— *Comment s'appelle ça?*

O empregado solícito respondeu:

— Come-se com sal, mas não se se pela, quebra-se.

— *Comment!* — observa o francês, bastante intrigado.

— Sim, com a mão ou outra coisa qualquer...

— *Je ne comprends pas du tout!* — responde o francês bastante arreliado.

— Não precisa comprar tudo, leve as que quiser...

— *Je ne comprends pas!* — responde o francês, bastante indignado.

— Pois se não queria comprar, não viesse cá aborrecer-me!

\* \* \*

Um aluno de medicina prestava há dias as suas provas finais.

O examinador perguntou-lhe qual o medicamento aconselhável a um doente para provocar-lhe suor em abundância.

O examinado enumerou grande número de sudoríferos.

O examinador:

— E se esses sudoríferos não dessem resultado?

— Mandava-o aqui fazer acto, pois estou convencido de que havia de suar mais que os contadores do sr. Carlos Pereira e as bocas de Incendio...

\* \* \*

Um Inquerito psicológico sobre o temperamento da mulher deu o seguinte resultado:

— Qual é a mulher mais cruel?

— A sr.<sup>a</sup> D. Barbaral

— E a mais pura?

— A sr.<sup>a</sup> D. Virginia!

— E a mais ingenua?

— A sr.<sup>a</sup> D. Candidal

— E a mais sosegada?

— A sr.<sup>a</sup> D. Placidal

— E a mais cordata?

— A sr.<sup>a</sup> D. Prudencial

— E a mais alta?

— A sr.<sup>a</sup> D. Maximal

— E a mais aromática?

— A sr.<sup>a</sup> D. Rosal

— E a mais compassiva?

— A sr.<sup>a</sup> D. Clemencial

— E a mais rica?

— A sr.<sup>a</sup> D. Fortunatal

— Qual é a que mais triunfa na vida?

— A sr.<sup>a</sup> D. Vitorial

— E a mais duravel?

— A sr.<sup>a</sup> D. Perpetual

\* \* \*

A argúcia dum *reporter* americano:

Quando da celebração das exequias do general Baker, alguém, querendo fazer pirraça ao arguto jornalista, não lhe mandou convite para a cerimonia, como era de uso fazê-lo sempre em tais solenidades. O *reporter* não se incomodou muito com o caso. A hora indicada, lá estava, no meio da multidão, sem que a sua presença fosse notada.

O reverendo tinha deixado o chapéu sobre uma cadeira e, ao lado, um rolo de papeis. O jornalista aproximou-se, pegou nos papeis e viu que se tratava do discurso que o padre devia ler junto da sepultura do general. O orador sagrado, quando chegou a ocasião, pegou no chapéu para tirar dele os papeis, mas qual não foi o seu espanto e desespero quando es não viu. Não teve outro remédio que improvisar outro discurso.

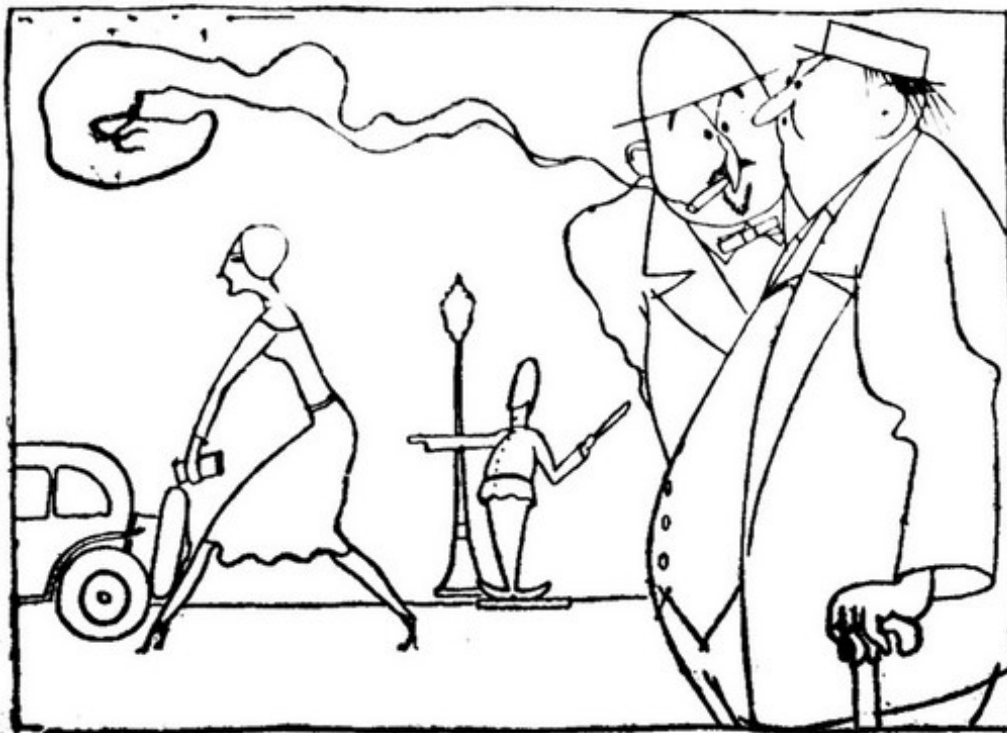
Momentos depois, o jornal onde o habil jornalista trabalhava publicava o texto exacto e autentico do discurso que o sacerdote devia proferir junto do tumulo.

Ele pretende dar um passeio de barco no mar, mas a mulher opõe-se terminantemente:

— Não vás. Peço-te por amor de Deus! Pela vida do nosso filho!

— Não sejas parva! Não me succede nada!

— Faz o que quizeres! Mas ao menos deixa-me o relógio e a carteira...



— Sabes quem é aquela que ali vai?  
— É a viúva do Soares, pois não é?  
— É! E atraçou tanto o marido, tanto, tanto, que até lhe mandou fazer o jazigo em cimento... armado!



— Por que se vai a Maria embora, se esta casa é uma casa de fartura?

— Por isso mesmo, eu também já estou farta!

## AS 10 LIBRAS Asuerooterapia

O Silva era uma pessoa que o destino falhara para viver sempre à custa dos outros.

Lá na terra toda a gente sabia disso não devia dinheiro: o sr. Paulo, no devia dinheiro: o sr. Paulo.

Um dia, o Silva, depois de se sacudir da poeira, subiu a escada do Paulo e bateu à porta.

— O sr. Paulo está?...

— Sim, senhor...

— Diga-lhe, se faz favor, que é o Silva que queria falar-lhe com a maior urgencia.

Minutos decorridos, o Silva e o sr. Paulo encontravam-se frente a frente.

— Eu vinha cá — diz o Silva — ter com o sr. Paulo porque estou muito atrapalhado da minha vida. Tive este mês umas coisas, umas despesas com que não contava, e o certo é que estou atrapalhadissimo. Queria que o sr. Paulo me fizesse o grande favor de, até ao fim do mês, me emprestar dez libras.

O sr. Paulo coçou a moleirinha e pensou para consigo: se este Silva já deve a toda a gente — é justo que me deva também a mim. Vou emprestar-lhe as dez libras, não vá ele aparecer-me em outra qualquer ocasião a pedir-me vinte. Mais vale agora ficar sem dez...

E, pensando-o, o sr. Paulo abriu o cofre e arrancou-lhe das entranhas umas simpáticas dez libras, entregando-as ao Silva.

— No fim do mês cá venho pagar...

— Pois sim — retorquiu o sr. Paulo, mais que convencido que nunca veria o seu dinheiro.

Correu uma semana, correram duas e... chegou-se ao fim do mês.

Então o Silva volta a limpar-se da poeira e a subir a escada do sr. Paulo.

— O sr. Paulo está?...

— Sim, senhor...

— Diga-lhe, se faz favor, que é o Silva.

O sr. Paulo apareceu e o nosso homem, com o melhor dos sorrisos de bom pagador, devolveu-lhe as libras emprestadas.

Despediram-se E o sr. Paulo, admiradissimo com o pagamento, sorriu também.

Voltaram a correr semanas e, certa noite, o Silva abeirou-se do sr. Paulo.

— Eu queria que o sr. Paulo e meu querido amigo fizesse o favor de emprestar-me vinte libras...

— Não, senhor. Não posso...

— Mas então... eu não paguei as dez que lhe pedi há tempos?!

— Pois é por isso mesmo. Enganaste-me uma vez... não me enganas segunda.

O leitor decerto que se recorda do grandissimo entusiasmo de há meses com os tratamentos pela *Asuerooterapia*. Lembra-se também das *bichas* nas ruas, das polemicas entre medicos e das gravuras e columnas de prosa nos jornais, não é verdade? Os especialistas de doenças de nariz, eram as entidades mais indicadas para fazerem tais tratamentos mas depois de aprenderem com o dr. Asuero como eles se faziam.

Em compensação medicos de clinica geral, outros talvez sem carta, dentistas, callistas, enfermeiros, mulheres de virtudes, ferradores, curandeiros, etc., desataram a queimar as ventas da população, a troco de 20\$00, que era um nunca acabar. As curas eram ás centenas: Doentes sem pernas a correrem como loucos pelas ruas da cidade, petises sem ambos os braços... abraçando os novos Messias e, em S. Sebastian, o pobre do dr. Asuero espantadissimo com o retumbante successo do seu tratamento que ele nem tinha ensinado aos novos salvadores da Humanidade!!

Havia menino que ia visitar a familia á provincia e voltava quarenta e oito horas depois, annunciando ter falado e aprendido com o distinto medico donostiarra e a bicha, escusado será afirmar, aumentava na mesma proporção das notas de 20\$00! Se até houve um medico que foi a Paris registar o invento?! Sim porque isto de registar um invento... descoberto por outrem, é naturalissimo! Pois quando já estava cheirando a carne assada e a maioria da população recorria aos especialistas de nariz para se tratar das queimaduras, descobriu-se que o dr. Asuero, curava so determinadas doenças e essas mesmo por um simples toque a frio ou levemente quente!! E talvez por isto, o entusiasmo arrefeceu. O dr. Francisco Seia, especialista de nariz, que por sinal — passe o reclame — também segue em determinados casos e com as devidas precauções o processo do seu colega espanhol, afirmou-me ontem, que nunca pensou fazer na sua vida tantos tratamentos a narizes que lhe têm aparecido torrados. E eu comentei, com o meu costumeado bom humor:

«Que pena o dr. Asuero não ter espalhado aos quatro ventos que a cauterização devia ser feita naquele local onde as costas mudam de nome, para certas pessoas não meterem o nariz onde não foram chamadas!»

Rocix.

Sortes grandes T

só o PINA as vende

75 - Rua de S. Paulo - 77

ABERTO TODA A NOITE  
**RESTAURANT RON A**  
— RUA DE NUNHO, 169 a 104 —  
Luxuosos gabinets no 1.º andar

# Cronica das pinturas

Foi uma enorme canoeta,  
 Pois passei a noite inteira,  
 A consultar alfarrabos,  
 Prêso de enorme arreia,  
 Para vêr se descobria  
 Qual era a cor dos teus lábios.

Mas, dai a meia hora,  
 Eram roxos, verdes, brancos...  
 Ah! tanta transformação  
 Pôz-me esta pobre razão  
 Em perfetos solavancos.

Mas, se ela me não delira,  
 O que é certo é que eu os vira,  
 Na agitação dos salões,  
 De tempo num curto espaço,  
 Ao passar de braço em braço,  
 Perfetos capoteões.

Esa, para mim, uma tortura  
 O não saber que pintura  
 Tava, aquelas variantes,  
 Se vinhas do toucador,  
 Da casa, do corredor...  
 Erro sempre cambiantes.

Mas hoje, de manhãzinha,  
 A Chica, a nossa vizinha,  
 Pôz-me ao corrente de tudo,  
 Perguntei-lhe, suumbindo,  
 Se estava doido, iludido  
 Ou se ela tentava o Entrudo.

— Nem uma nem outra coisa...  
 — Diz a Chica — A Quinhas Soisa  
 Denta em si uma só tinta,  
 Mas, dos galhos, a mor parte,  
 Com muito engenho e mais arte,  
 Agora, também se pinta.

Côr, sinasinhos variados...  
 Enfim, *chips*, pintalagos  
 Que ficam mesmo uns amores;  
 A Quinhas dança com eles,  
 Chocam-se, às vezes, as peles...  
 E aí tens tu as muitas cores.

Porcaria! Ora, meu velho!  
 Toma, aqui, o meu conselho  
 Que é — largar os alfarrabos,  
 Marchar ao encontro das Quinhas,  
 Quer de longe, quer visinhas  
 E pôr-lhes lábios nos lábios.

Casas limpas só encontras  
 Feitas de barro nas montras,  
 Se tu desejas um beijo,  
 Limpo, limpo, sem mistura,  
 Bem irás p'ra sepultura,  
 Sem matar o teu desejo.

Ilido.

# A PARTE RIDÍCULA E CARICATURAL

Tudo tem o seu ridículo. As coisas  
 e até mesmo os sentimentos. É o lado  
 por que forem vistos e os olhos  
 ou as almas que os virem. Só a Moda  
 o não tem, por ser moda e, portanto,  
 a acatar-se, a respeitar-se e a cum-  
 pri-la em subdito, o que, no dizer es-

*Primeira: «A Misteriosa»* — Arro-  
 banha o cabelo tanto quanto pode,  
 para fazer crer que tem muito, en-  
 chendo o penteado com o que possui.  
 Pinta nele uma sombrinha chinesa  
 e quantos objetos necessários encon-  
 trou. Não se poderá negar que é um



pirituoso de uma espirituosa dama,  
 e o unico meio possível de contra-  
 dia protestar, sem nos ridicularizar-mos...

E para descobrir o ridículo que em  
 tudo possa haver, não se encontra  
 outro como o gracejador, o caricatu-  
 rista. Ele é dialético, como espirito  
 feminino que tudo pode transformar  
 e perder e servir a maldicença.

Agora, realizou-se em Paris um  
 concurso de penteados e, se houve  
 o bizarrismo do corte, atraz não lhe  
 ficou a estranheza e a peribrosca

misterio saber porque se penteia as-  
 sim.

*Segunda: «Alta vida»* — Alçada de  
 um lado e vaporosa do outro. Tem  
 uma grande distincão e elegancia,  
 sobretudo levando em linha de conta  
 que dum lado se pode apressar lau-  
 ro e do outro pride.

*Tercera: «Alta Carlosa»* — Paro-se  
 com o penteado que usou certo rei  
 de França. A cabeleira, partida em  
 duas, cai gravosamente sobre ambas  
 as ladas e dá muita elegancia a ti-  
 stionaria... se bem que o mesmo po-



de ser dum rei ou dum paizem.

*Quarta: «Elegante»* — Nota-se-lhe na  
 cara a alegria. Vista de frente se vê  
 que tem cançoiso para pescar ho-  
 mens.

*Quinta: «A Indesejavel»* — É a pri-  
 meira vez que se substituem os fei-  
 ros de frizar pela maquina n.º 1.  
 Cara de sana edrta aberta atraz.

Se li faltaste tu — por estares cá  
 longe — leitora que porventura deites  
 os olhos para estas colunas, em que  
 tudo se penteia para não ficar por  
 pentear. No teu penteado e que o ca-  
 ricaturista não vislumbria o lado ri-  
 dículo — porque o teu, vindo da be-  
 leza, so em beleza pode ser visto e  
 de todos os lados caricaturaveis.

*Quarta: «Elegante»* — Nota-se-lhe na  
 cara a alegria. Vista de frente se vê  
 que tem cançoiso para pescar ho-  
 mens.

*Quinta: «A Indesejavel»* — É a pri-  
 meira vez que se substituem os fei-  
 ros de frizar pela maquina n.º 1.  
 Cara de sana edrta aberta atraz.

Se li faltaste tu — por estares cá  
 longe — leitora que porventura deites  
 os olhos para estas colunas, em que  
 tudo se penteia para não ficar por  
 pentear. No teu penteado e que o ca-  
 ricaturista não vislumbria o lado ri-  
 dículo — porque o teu, vindo da be-  
 leza, so em beleza pode ser visto e  
 de todos os lados caricaturaveis.

José Parreira.

# Cronica dos Tribunaes

No Boa Hora, O juiz interroga o  
 delinquento:

— É verdade ter espancado o seu  
 vizinho?

— Estava muito bebido, sr. juiz,  
 e vai ao depois julgava que estava  
 batendo na minha mulher...

\*\*\*

Respondou na Boa Hora uma cigana  
 acusada de ter roubado varias mura-  
 res. Nas vespas do julgamento, o  
 arguido consultou um advogado sê-  
 bre a melhor maneira de se defen-  
 der.

— Você tem testemunhas de defe-  
 za? — perguntou o defensor.

— Só se for o carcereiro, o policia  
 que me prendeu e a mulher que vive  
 comigo...

— Optimo! Optimo! Mas a mulher  
 que não diga que vive consigo.

Na audiença, o arguido declarou  
 ser um homem duma non-stidade  
 impôrita. Chamadas as testemunhas  
 de defeza, trouxe ou nada ad-anta-  
 ram, com excepção da tal mulher.

O defensor, interrogando:

— Conhece ha muito o réu?

— Desde criança, meu senhor!

— Reputa-o incapaz de cometer o  
 roubo de que ele é acusado, não é  
 verdade?

— Oh, meu senhor, a não ser  
 este roubo, nunca o vi cometer ou-  
 tro!

Muito foi esta testemunha a urli-  
 ca a fazer prova provada da acusa-  
 ção feita ao amante...

\*\*\*

É julgado um rapaz acusado de  
 se ter metido com uma senhora. O  
 juiz:

— Sabe a accusação que lhe é feita?

— S-i. Trata-se dum equívoco, cer-  
 tamente, sr. juiz! Eu descia o Chia-  
 do e vi uma senhora que, pelas cas-  
 tas, me pareceu ser muito esbelta.  
 Quando me aproximei, verifiquei que  
 me tinha enganado.

O juiz:

— Diga lá, senhora que'cosa, co-  
 mo se passou o caso?

— Este homem, a principio, disse-  
 me que eu era uma beldade, uma  
 senhora muito simpatica, um verda-  
 deiro amor...

O juiz:

— Então ja vê que não podia ser  
 com V. Ex.?



## O roubo da ourivesaria Lory

Segundo o agente Custodio das Dôres o concebu para os leitores do **SEMPRE FIXE** o reconstituirem

Recortar as figuras e colocal-as no seu lugar



O que se diz e o que se não deve dizer

# As corridas automobilistas das Caldas da Rainha

## Um "sportman"

Como o meu estado de saúde me não deixou ir às Caldas, vêr as grandes corridas dos mais velozes automóveis e das mais rápidas motos especiais, comprei antecipadamente, na manhã de segunda-feira, o grande diário, que patrocinava as provas.

Comecei a lêr a reportagem das corridas. Comecei a lêr e a soar.

As mais belas automobilistas... as mais rápidas motos... as mais belas mulheres em contornos de lindos carros... as estradas por onde nestes domingos de sol costumam passar os campeões... Toda a gente que emigra... o baile das artes... as tardes da tarret... o friso decorativo do Chiado... o contract montado das grandes recepções...

Is... etc., etc., etc., etc.

Após o que, duas laconicas linhas me informaram ter ficado vencedor da categoria *sport* o sr. Vasco Gamito — que alias é Sameiro — não se sabe em que carro, nem de que classe, nem em que tempo.

E quanto aos carros da categoria corrida — idem, idem.

Nun outro jornal da manhã, *ado* patrocinador, encontrei dados mais completos. E o nosso director Fixe e Automobilista, Pedro Bordalo, contou-me o resto.

Em resumo: — conforme previra o papa *Diário de Lisboa*, a inscrição do Bugatti, dois litros, de Abílio Nunes dos Santos, resolvera a corrida antes de a sua realização. E agora atrevam-se ainda a dizer que os artigos dos Armazens do Gado não são de primeira qualidade.

Propõe-se desde já a adição dum parágrafo unico a todos os regulamentos de futuras provas:

*«A dispensa de correr o Sr. Abílio Nunes dos Santos, que poderá fazer-se substituir por uma audição de telefonista sem fios...»*

\*\*\*

Organização: — francamente boa. Muitos parabens ao esforçado conde de Fontalva.

A *passarelle* até tinha gabinetes reservados! Por pouco não lhe puzeram um chuveiro, por causa do calor.

Cronometragem, *haut-parleurs* e telefones — impecáveis. A tal ponto que o dr. Augusto Yaz dirigiu tudo da *passarelle* por telefone, como se estivesse numa ponte de comando — e entusiasmou-se a ponto de enfiar

um casaco de couro. A certa altura ordenou uma suspensão de cinco minutos. Os *haut-parleurs* anunciaram, mas o publico ficou intrigado por não saber o motivo. Devemos informar que se tratava duma pausa destinada à ingerencia duma *sandwich* e bolinhos.

\*\*\*

De hora a hora, a estrada era aberta ao transitio. E o publico elegante das tribunas via, com espanto, passar uns automóveis de aluguer apinhados com os classicos bêbedos de domingo, cantando em cântico *As lavadeiras de Caneças*.

\*\*\*

O *speedster* em que se fundamentavam tão belas esperanças foi se abaixo das... acelerações...

— *isso é correr, seu João!*

E agora o que ha de dizer o primo do Brasil?

O dr. José Caldas sempre teve uma desculpa. Estava nas tribunas uma cliente que precisava urgentemente duma radiografia — e por consequente... abandonou...

\*\*\*

Uma nota aparte nestes comentarios sobre a *gigante* proverbial de Joaquim Fernandes. O simpatico az de volante tem uma *malchance* averiguada com o seu *B. N. C. course*. O esforço que realizou na madrugada que antecedeu a prova, e ate quasi a hora desta, para reparar o motor, demonstra um espirito desportivo invulgar. E soube perder com um bom sorriso que é o espelho duma bela alma. Um bravo e um grande abraço. Para a outra vez *marcará* certo...

\*\*\*

Um concorrente do Porto levou um cronometro de bolso para a prova. Depois de correr, dirigiu-se aos cronometristas, inquiriu do tempo official e disse:

— Realmente, os seus aparelhos não trabalham mallo.

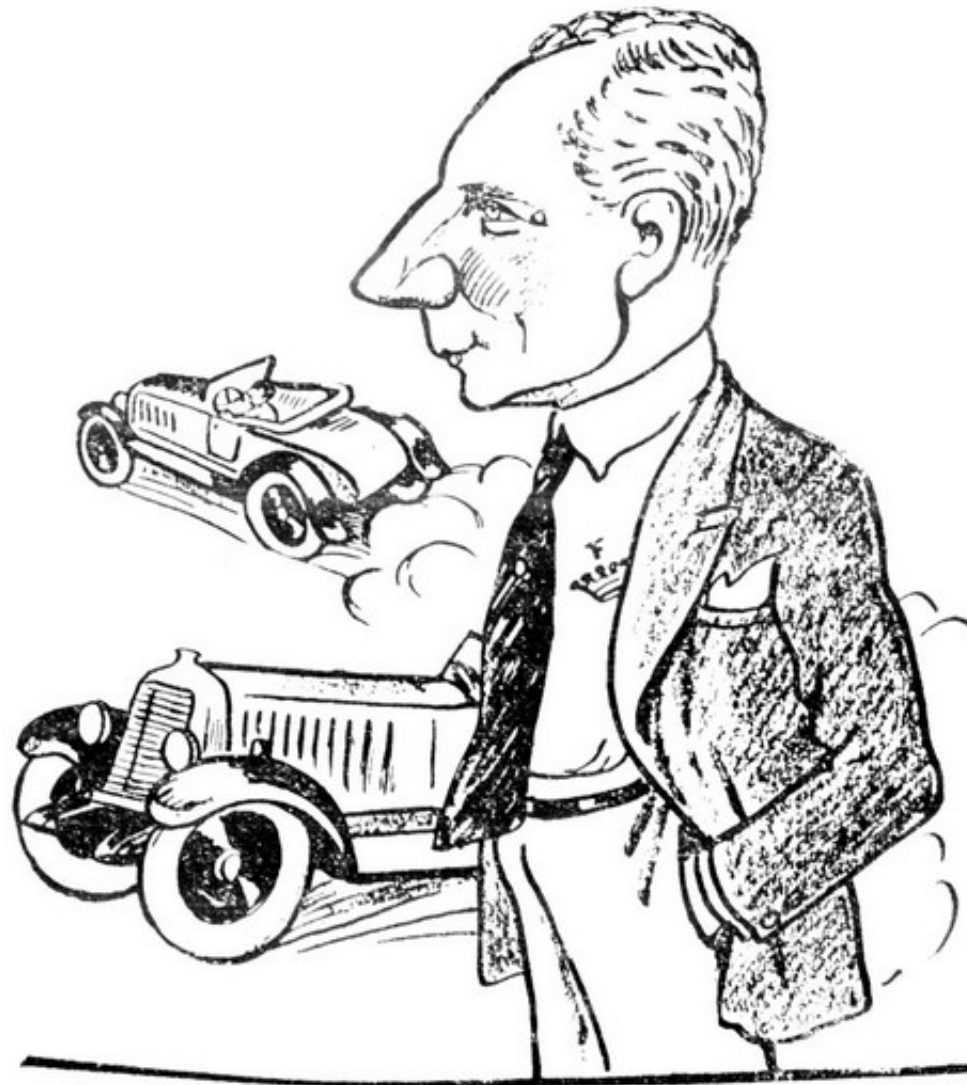
Desportivo, correcto e delicado rapaz!

E além disto: — inteligente! Porque controlar um aparelho electrico, contando centessimos de segundo, com um cronometro de algibeira que dá uns pobresinhos quintos de segundo — não lembra ao diabol!

\*\*\*

A unica avaria registou-se no regresso.

Sebastião Teles, no seu magnifico e classificado elegante *Cadillac*, foi vítima duma indigestão de semi-eixos.



**Alfredo Fontalva, um dos nossos mais distintos automobilistas, e o iniciador do kilometro lançado nas Caldas da Rainha**

### "A Peninha" "Restaurant"

O seu proprietario previne os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos e clientes que reabriu este acreditado "restaurant", na rua Pascoal de Melo, n.º 9.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este "restaurant" encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os também aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção do seu proprietario, que espera e agradece uma visita á nova

### "PENINHA"

9, Rua Pascoal de Melo, 9-A (a Almirante Reis)  
(junto á fabrica de cerveja Portuguesa) — TELEFON: N. 5582

# ECOS DA SEMANA



ORA CHUCK EM

FEZ 700 PRIMAVERAS QUE OS  
RICOS SE VIRAM GREGOS EM  
OURIQUE +



A JA HA EM CASCAIS TELEFONES AUTO-  
MATICOS RECEBEM O RECLAM E  
VAO AO DOMICILIO TRANS-  
MITI-LO.



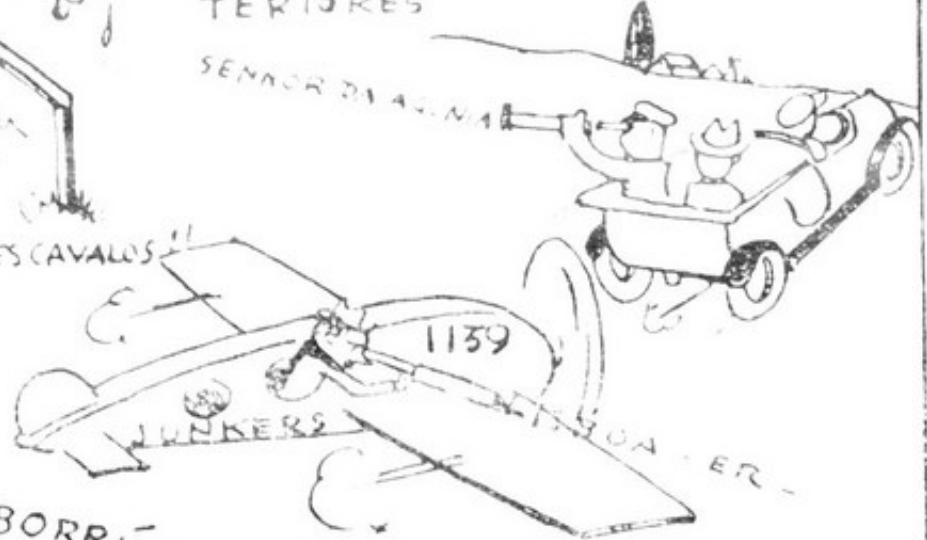
A ESFINJE ERGUEU SE MAS NAO  
PODE IR BEBER AGUA  
AO SUEZ

LAGRIMAS DE  
CROCO NILO



BARCELONA  
MADRID  
FIGUEIRA  
TORRES  
ESTORIL - POBRES CAVALOS

RIVERA E GREGORIKY FARTOS DE  
SEREM MINISTROS DOS INTERIORES  
FIZERAM SE MINISTROS DOS EX-  
TERIORES



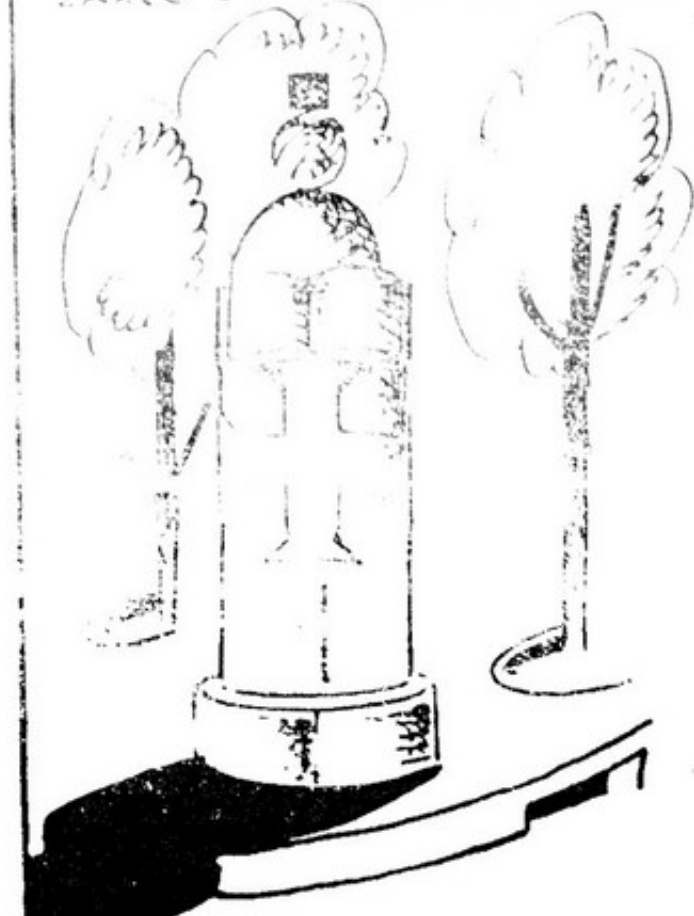
SENHOR DA ALMA

1139  
JUNKERS

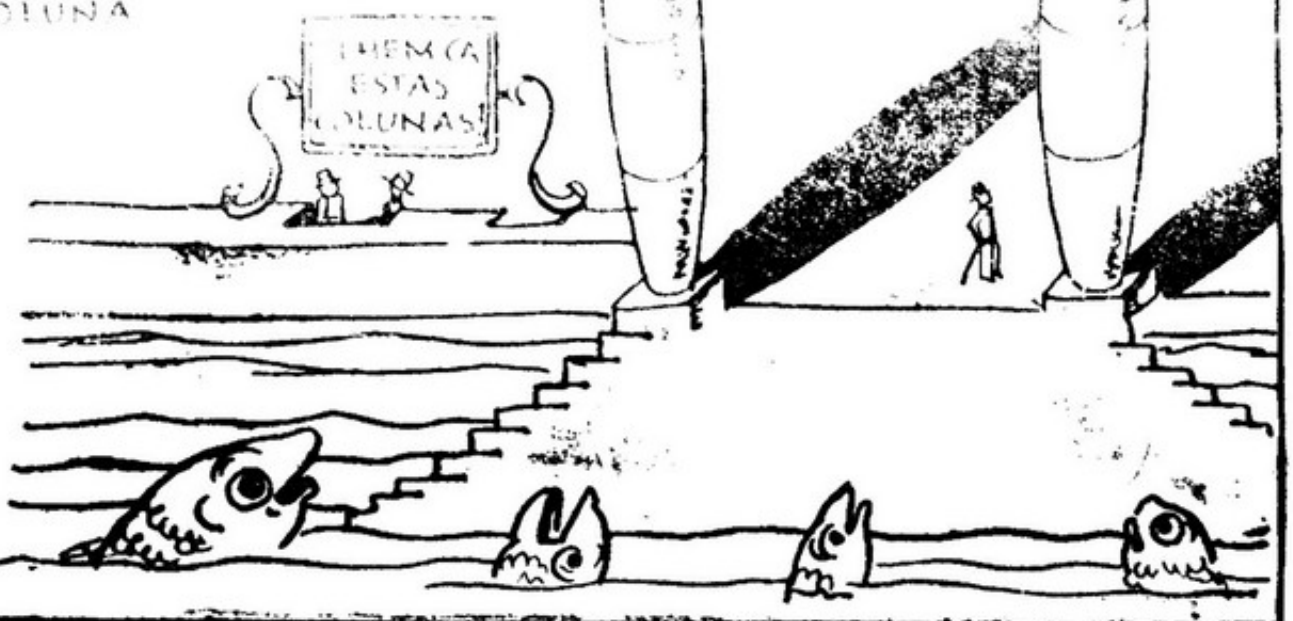
POUCA SORTE! EM APARECENDO  
UM MONUMENTO CATITA NA AVE-  
NIDA E SEMPRE EMPRESTADO!  
JA SE FOI EM TEMPOS O  
ZARCO E AGORA VA SE ESTE!



MAS QUE JAMBORRICE!



"QUAIS" DAS COLUNAS  
E A MAIS BONITA? EM VIRTU  
DE DESTE MELHORAMENTO VAI  
USAR SE NOVAMENTE A EXPRESSAO  
SAO POPULAR "OLHA LA ESSA  
COLUNA



HEM CA  
ESTAS  
COLUNAS!

MADE IN CARCAVELOS TOWN  
BOTELHO